

PALAVRAS

VILEM FLUSSER

A paleantropologia vasculha as entranhas da terra em busca das origens da espécie "homo sapiens", única no gênero a sobreviver à luta impiedosa pelo lugar ao sol (ou à sombra, já que essa luta se desenvolveu, aparentemente, nas florestas subtropicais da Europa e da Ásia do primeiro interglacial do pleistoceno). Procura essa ciência encontrar crânios, dentaduras, partes do esqueleto e objetos de pedra ou osso que possam ser interpretados como sendo instrumentos. Graças à atividade dessa disciplina conseguimos dilatar a nossa arvore geneológica até o "australopithecus transvaalensis", um homem de volume cerebral que varia entre 250 e 1000 centímetros cúbicos, produtor da cultura "osteodontoceratica" (isto é, que usava ossos e dentes animais como instrumentos), e que vivia no pleistoceno inferior, há pelo menos 600 mil anos. A nossa imaginação poética condensa das brumas desse passado inimaginavelmente longínquo um ser erecto, de fisionomia brutal, de força muscular temível, a caçar búfalos e antílopes, a estrangulá-los com as mãos, a cortar-lhes a pele com ossos afiados, a devorá-los crus, e a esconder-se, feita a refeição, em buracos ou cavernas, temendo sem cessar o ataque de feras às quais servia de alimento. Este ser primitivo, brutal e angustiado é, de acordo com os últimos resultados da ciência, o tão procurado e fugidio "primeiro homem". Em que se baseia a nossa imaginação poética, responsável por essa imagem? Na reconstrução de músculos a cobrir o esqueleto reconstruído, na reconstrução da pele a cobrir a musculatura reconstruída, na reconstrução da mentalidade e do intelecto a animar o corpo reconstruído. Feita a série de reconstruções altamente duvidosas devemos confessar que não é possível, até agora, e que nunca será possível, estabelecer uma cadeia satisfatória, não digo de gerações, mas de espécies, entre o "australopithecus" e o "homo sapiens". A paleantropologia prefere, portanto, considerar o "australopithecus" como as demais espécies humanas descobertas até agora, não como nosso antepassado direto, mas como desenvolvimentos independentes do ramo do gênero humano. O famoso "missing link" (o elo que falta) continua faltando. O primeiro homem de nossa espécie, o primeiro "homo sapiens", aparece no fim do pleistoceno ou no começo do plioceno, com sua cultura, o "magdaleniano". Isto é, há aproximadamente 50-100 mil anos, completo com todas as características humanas, com sua arte, ciência altamente desenvol-

nos aproxime sensivelmente da visão da origem do intelecto humano. E, afinal, como se dizia no século 18, "o homem é o tema da pesquisa humana", ou, o que vem a ser o mesmo neste contexto, como disse S. Agostinho: "Deus e a alma desejo conhecer. Nada mais? Nada". A etimologia, tal qual eia está sendo praticada, não é, portanto, o método nem para conhecer "o homem", nem para conhecer "a alma". Devemos procurar um outro.

W. Dilthey ensina que o espírito humano é produto da história, impellido e inspirado pela história, e propulsor da história em direção do futuro. Propõe eie seja estabelecida uma ciência do espírito ("Geisteswissenschaft"), em oposição às ciências naturais, ciência essa que estude o espírito como processo histórico. Uma ciência assim seria, nas palavras de Dilthey, uma "crítica da razão histórica" (Kritik der Historischen Vernunft) e uma "psicologia interpretativa" (Verstehende Psychologie). Dilthey descortina, assim, uma visão da realidade que é de grande atração e beleza. De um lado, temos o majestoso rio da história, composto de intelectos e formando intelectos, rio este dividido em diversas correntes, em "tipos de espírito", como diria Dilthey. Do outro lado temos, estendida e inerte, a matéria, esse barro amorfo a ser moldado pelo espírito em seu avanço histórico rumo ao futuro. Entretanto, receio que essa visão tenha um defeito grave: psicologiza e, em consequência, subjetiviza o espírito, torna-o inacessível à análise discursiva. As "ciências do espírito" diltheyanas seriam disciplinas meditativas. O erro, conforme creio, está no conceito diltheyano do "espírito" concebido romanticamente e idealisticamente. Se identificarmos espírito com intelecto, e se definirmos "intelecto" como "organização de palavras", o conceito se desromantiza, desidealiza e despsicologiza. Torna-se acessível, imediatamente, a um método de pesquisa discursiva. A ciência do espírito diltheyana, assim redefinida, é idêntica com aquele estudo das palavras que deve substituir ou completar a etimologia.

Em que consistiria esse método? A palavra deve ser aceita tal qual é, tal qual se usa e funciona dentro do intelecto, e todos os preconceitos etimológicos e outros que se aplicam aos idiomas devem ser suspensos. O intelecto que se aproxima da palavra deve submeter-se a ela com paciência e humildade, com "epoché", e deve, pela redução "eidética", tornar visível a essência, o "eidos" da palavra. Enfim, trata-se do méto-

terísticas humanas, com sua arte pictórica altamente desenvolvida, com sua dança, sua música, sua magia, provavelmente sua organização social e sua religião, aparece completo como Pallas Athenas da cabeça de Zeus. A origem do homem continua sendo um mistério, a despeito da paleantropologia.

No entanto, dispomos de um conjunto de fenômenos que não foi considerado pela paleantropologia, não obstante a sua antiguidade. Refiro-me às palavras que compõem as nossas línguas. As línguas são, uma enorme correnteza de palavras e regras que se derrama até nós do fundo da história, são testemunhas vivas da origem do homem. Cada palavra é um fóssil vivo e esconde, dentro da sua forma e dentro de seu significado, o mistério da origem do intelecto humano. É um fóssil muito mais significativo de que um crânio ou mesmo um instrumento. Testemunha diretamente e sem nenhum intermediário o intelecto humano em seu funcionamento. Cada palavra esteve lá, naquele ponto obscuro do surgir do intelecto, pois foi ela que o formou e o fez surgir da nebulosidade inarticulada do reino animal. Cada palavra acompanhou o avanço do intelecto todo, avançando e transformando-se com ele, pois a transformação, a ramificação e a diversificação da palavra é sinônimo de avanço do intelecto. Cada palavra encerra em si, potencialmente, o segredo do destino passado da nossa espécie, pois formou esse destino e era por ele formada. Cada palavra é obra de todos os intelectos que participaram da conversação humana desde a origem da espécie, uma obra sempre mais aperfeiçoada, mas nunca perfeita. As raízes de cada palavra estão mergulhadas no húmus do inarticulado do qual brotou o intelecto humano. Se pudessemos seguir a palavra até a sua raiz, se pudessemos percorrer o caminho da palavra em sentido contrário, teríamos, em teoria, descoberto a origem do homem.

A ciência que deveria ocupar-se dessa pesquisa é a etimologia (de "etymon", raiz de palavra). Os resultados da pesquisa etimológica são, com efeito, fascinantes. Tivemos, recentemente, uma série de artigos neste "Suplemento" sobre os indogermânicos, que equivalla a uma tentativa de reconstruir esse povo hipotético pelo método etimológico. Entretanto, a etimologia considera a palavra como fenômeno externo, como objeto do intelecto, não como parte integrante do mesmo. Em consequência, observa essa ciência a forma externa, sensível, da palavra, considera a palavra como grupo de fonemas. Para ela a história da palavra se resume na série de modificações fonéticas. A palavra é, destarte, expulsa do intelecto para dentro do mundo dos fenômenos naturais, e estão sendo procuradas as descobertas as leis naturais que regem a transformação das palavras. A etimologia é uma ciência natural, mais ou

2

sivei a essência, o "eicos" da palavra. Enfim, trata-se do método fenomenológico, como foi proposto por Husserl. É um método poderoso e fértil, e encontra, conforme creio, o seu campo mais significativo e produtivo no estudo da palavra. Desvendará, se aplicado sistematicamente, algo da origem e da história da palavra como fenômeno intelectual, e não como fenômeno da natureza, e contribuirá decisivamente para a iluminação da origem do homem, mais significativamente de que o faz a paleantropologia.

A palavra desvendará, além de sua forma e seu significado, ainda o aspecto estético da obra de arte que é. Desvendará, ainda, o seu aspecto ontológico de tentativa de articular o inarticulável. A palavra se revelará em toda a sua plenitude, e revelará, automaticamente, o caráter e o funcionamento do intelecto humano.

Esta humildade em face da palavra, esta admiração da palavra e este amor da palavra são as condições "sine qua non" do método de seu estudo. A filosofia da atualidade, influenciada tanto por Dilthey como por Husserl, aproxima-se, de diversos lados, desta atitude. Cito, como exemplos, a logística de Russel e Whitehead, a filosofia dos símbolos de Carnap, a pesquisa da língua de Wittgenstein (do lado formal), a ontologia de Hartmann (do lado do significado), e o uso consciente de palavras, feito por Heidegger e Sartre (do lado existencial). Falta, entretanto, a síntese desses esforços e a plena consciência do problema. Falta, em outras palavras, a convicção consciente de que o estudo fenomenológico da palavra é o caminho mais direto e mais promissor para um começo de compreensão do intelecto, do "espírito", da "alma" do homem.